

Ocupação romana no concelho de Lousada: povoamento e epigrafia

Manuel Nunes*, Luís Sousa**, Carlos Gonçalves**

Com o advento da ocupação romana, firmada pelas campanhas vitoriosas de Octávio César Augusto no Noroeste peninsular entre 26 a.C. e 19 a.C., facto que permitiu a Roma, finalmente, reclamar a conquista em definitivo da Península Ibérica, dominando a *Callaecia*, a *Asturia* e a *Cantabria* (Alarcão, 1988:31), verificou-se uma gradual, mas irreversível, alteração no quadro do povoamento proto-histórico da região actualmente adstrita ao concelho de Lousada¹. Para além da chegada de populações romanas, ter-se-á verificado, à semelhança do que se constata para outras regiões, nomeadamente no Baixo Minho, um movimento de dispersão das populações indígenas romanizadas, dando corpo a um «*povoamento castrejo disperso*» (Almeida, 2005:88), o que determinou um novo modelo de ocupação, totalmente distinto do anterior, em que pequenos aglomerados de lavradores indígenas, fixando-se em terreno aberto, mais ou menos distanciados dos seus povoados de origem, acabam por ganhar primazia económica e social a ponto de alguns deles terem mesmo evoluído para aglomerados secundários romanos (Almeida, 2005:90).

Será, pois, no âmbito deste reordenamento territorial, ditado pela imposição da *pax romana* e pela aculturação acelerada das comunidades indígenas², decorrente, sobretudo, do desenvolvimento da administração romana e da emergência de novos centros urbanos, que se entende a ocupação periférica dos territórios dos velhos castros, de que o *vicus* de Meinedo parece ser um caso paradigmático. Embora seja possível rastrear a origem deste assentamento romano detectado no triângulo formado pela Quinta dos Padrões/Casais/Igreja Paroquial de Meinedo, num movi-

mento descendente das populações do castro de Meinedo situado numa elevação a Sudoeste, próximo do lugar de Sanguinha, onde ainda hoje se conserva o topónimo *Castro* e, portanto, enquadrá-lo com alguma probabilidade no período do Alto Império, a verdade é que as evidências materiais recolhidas até à data, apenas permitem datar a ocupação romana em Meinedo, com segurança, a partir do século IV d.C. (Almeida, 1972:117; Mendes-Pinto, 1992; Mendes-Pinto, 1995:277; Mendes-Pinto, 2000), conforme se depreende dos vestígios cerâmicos e pétreos detectados, sobretudo na área da Quinta dos Padrões e do Campo de Futebol. De entre estes vestígios, salientam-se diversos fragmentos de *sigillata hispânica*, pedaços de imitação regional de vermelho pompeiano, um fundo de prato em *sigillata Clara D*, parte de uma lucerna cristã, de tipo africano, do século IV, para além de fragmentos de cerâmica comum, de tradição indígena, cerâmica de cobertura e de construção, caleiras em barro, cilíndricas, pesos de tear, mós, fustes de colunas, abundantes silhares graníticos com talhe romano e uma tina poligonal actualmente reconstruída no jardim da Quinta dos Padrões (Oliveira, 1969:46; Santos, 1970; Almeida, 1972:117; Mendes-Pinto, 1992; Gomes e Arruela, 1996:20-21).

Mais recentemente, em 2006, comprovando esta ocupação romana tardia de Meinedo, refira-se a exumação, no decurso de uma escavação dirigida pelo Prof. Dr. Carlos Alberto Brochado de Almeida no espaço de frente da Igreja Matriz de Meinedo, de cerâmica de cobertura (*tegulae*) realçando-se o aparecimento de fragmentos de vidros, que dada a tipologia que apresentam, poderão ser datados entre o séc. V e o séc. VII. Para além destes ves-

* Arqueólogo. Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada.

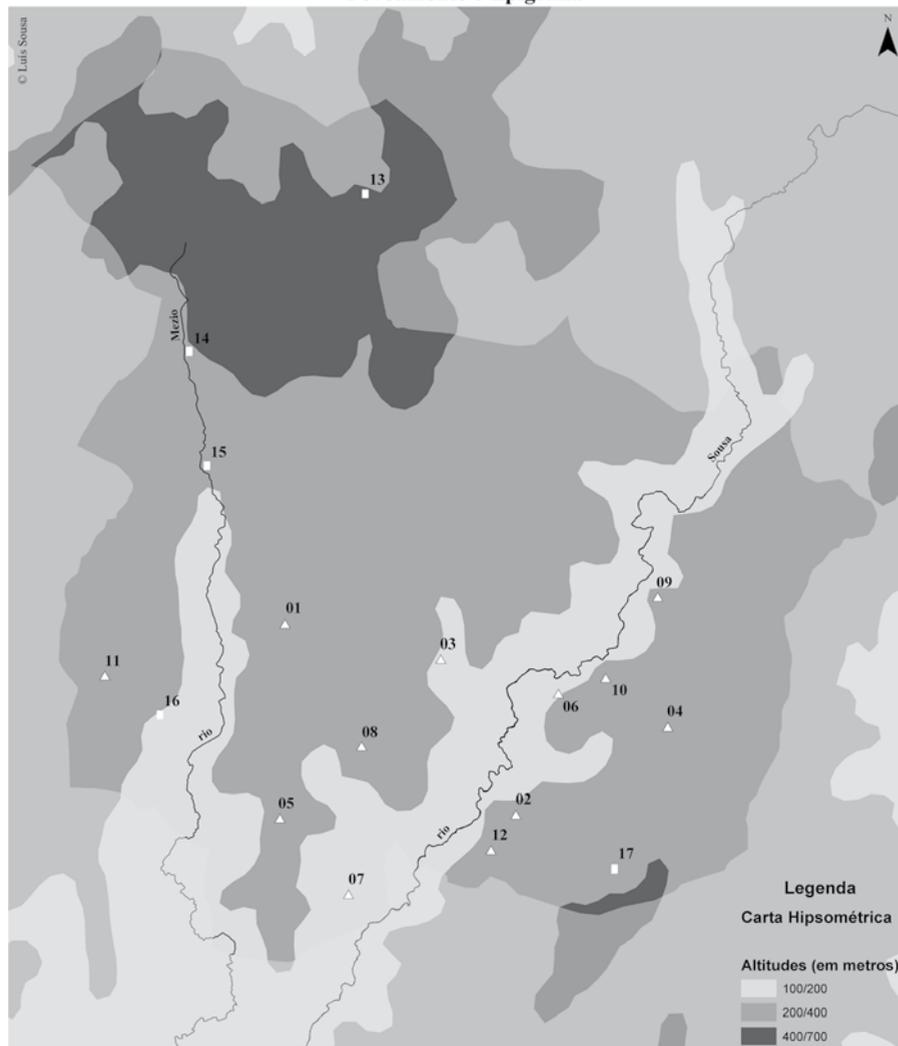
** Assistente de Arqueólogo. Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada.

¹ Segundo Mendes-Pinto, 1999, as intervenções arqueológicas levadas a cabo no Castro de S. Domingos revelaram um certo reordenamento urbano, perceptível pelo surgimento de um núcleo habitacional de tipo familiar ao qual se associa um compartimento de planta quadrangular, provavelmente com cobertura em *tegulae*, ocupado desde os finais do século I d.C.

² No quadro dos povoados da Idade do Ferro com indícios claros de romanização detectados no concelho de Lousada, salientam-se: o castro de Nevogilde (Nevogilde), o povoado do Pinouco (Aveleda), o castro de S. Domingos (Cristelos), e o castro de Meinedo (Meinedo).

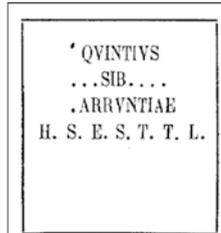
Ocupação romana no concelho de Lousada

Povoamento e Epigrafia



Legenda

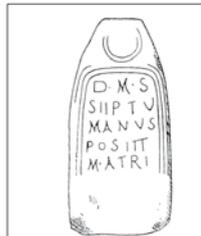
- | | | |
|-----------------------------------|-----------------------------------|-----------------------------|
| △ 01 - Castro de São Domingos | △ 07 - Casal romano das Taloeiras | ■ 13 - Estela de Padrão |
| △ 02 - Quinta de Padrões | △ 08 - Forno do Irmeiro | ■ 14 - Ara de São Cristóvão |
| △ 03 - Santuário rupestre de Pias | △ 09 - Lagar da Cerca dos Veados | ■ 15 - Estela de Eira Vedra |
| △ 04 - Villa romana de Vila Verde | △ 10 - Povoado do Pinouco | ■ 16 - Ara de Nevogilde |
| △ 05 - Casal romano da Bola | △ 11 - Alto de Nevogilde | ■ 17 - Ara de São Mamede |
| △ 06 - Casal romano de Vilela | △ 12 - Castro de Meinedo | |



Estela de Padrão (Sto. Estevão de Barrosas)



Ara de São Cristóvão (Souzela)



Estela de Eira Vedra (Souzela)



Ara de Nevogilde (Nevogilde)



Ara de São Mamede (Meinedo)

tígio, detectou-se a existência de uma base de coluna romana inserida num alinhamento pétreo alto-medieval (Almeida, 2007:75-94).

Ao longo de todo o curso do rio Sousa através do

concelho de Lousada, em particular na sua travessia pelas freguesias de Aveleda, Caíde de Rei, Meinedo, Lodares, Boim e Nespereira³, encontramos significativos vestígios de assentamentos

³ Apesar de se considerar a freguesia de Nespereira sob influência directa do Mezio, a sua localização, na zona extrema de intreflúvio entre o Sousa e o Mezio, confere-lhe este estatuto de duplicidade hidrológica, único no concelho

romanos, pronuncio de um modelo de dispersão materializado através de casais rústicos, alguns deles com ocupação que perdurará até à Alta Idade Média, como parece ser o caso da Quinta de S. Mamede, em Meinedo⁴, do Casal da Bola, em Nespereira, do Casal do Irmeiro⁵, em Boim, e dos prováveis casais localizados nas Taloeiras, em Lodares, e em Vilela, na freguesia de Aveleda.⁶ A estes elementos conotados com assentamentos, acrescem outros vestígios romanos provenientes de achados avulsos, geralmente descontextualizados cronoestratigraficamente, e ainda algumas referências bibliográficas.

No primeiro caso, enquadrámos a ara de S. Mamede (Quinta de S. Mamede em Meinedo), a ara funerária de Sousela⁷ (Capela de S. Cristóvão) e a inédita ara anepigrafada de Nevogilde (Penedo de Baixo), estas últimas vincando a singularidade do vale do Mezio⁸ que, como é sabido, funcionou como corredor natural de circulação entre o vale do Ave-Vizela, região intensamente romanizada, e o vale do Sousa, ele próprio, corredor de penetração nas vizinhas paisagens do Tâmega, igualmente alvo de intensa ocupação romana. De resto, é precisamente no vale do Mezio, acompanhando a sucessão de epígrafes romanas detectadas ao longo dos séculos XIX e XX⁹, que Ferreira de Almeida (1968:40-41) faz passar uma das vias romanas não mencionadas no Itinerário de Antonino. Segundo este autor, a via, com origem em *Bracara Augusta*, «partiria de São João da Ponte directamente para as Caldas de Vizela (...) a via seguiria depois por Casais, Nespereira, Penafiel, Calçada indo a Entre-os-rios» e depois a Viseu. Jorge Alarcão (1988:91), sugere um traçado mais alargado para

esta via, bifurcando-a em Meinedo. Um dos ramos da via desceria a Monte Mózinho (Penafiel), atravessaria o Tâmega dirigindo-se depois a Várzea do Douro, onde atravessaria o Douro em direcção a Viseu. O segundo ramo, de acordo com o mesmo autor, partiria de Meinedo e seguiria para o *vicus* de *Tongobriga*. Conquanto plausíveis os itinerários propostos para esta via, excepção feita à sucessão de epígrafes, a algumas, raras, necrópoles¹⁰ e à pervivência de alguns topónimos viários (Tab.¹) ao longo do provável traçado desta, bem como de outras vias, sobretudo medievais e modernas, entre os vales do Mezio e do Sousa, são nulos os vestígios materiais que dela nos restam.

Relativamente aos vestígios referenciados através da bibliografia, será de relevar o caso da Quinta de Vila Verde, em Caíde de Rei, onde em 1887, Augusto Vieira (1887:364) dava conta que «*tem aparecido sepulturas antigas, capitéis de columnas, objectos de cerâmica, etc., o que prova a existencia de uma povoação considerável em tempos remotíssimos*», informação que Mendes-Pinto (1992; 1995:277) considerou como indiciadora da existência de uma hipotética *villa* que aqui se possa ter desenvolvido entre os séculos III e IV d.C. O mesmo Augusto Vieira (1887:367), no seu périplo pelo concelho de Lousada, haveria ainda de dar nota que «*Na quinta de Alemtem [Vilar do Torno e Alentém] existe uma notável curiosidade archeológica, pelo povo chamada o lagar dos mouros, cavado a picão na rocha e compreendendo um lagar com sua dorna ou lagareta*». De facto, o lagar a que o autor se referia nos finais do século XIX, encontramos-lo, ainda hoje, num esporão, próximo do rio Sousa, nas imediações de

⁴ Desde inícios da década de 1990 do século XX, que trabalhos agrícolas relacionados com o plantio de vinhedos na área da Quinta de S. Mamede têm vindo a colocar a descoberto diversos vestígios arqueológicos enquadráveis no período romano e na Alta Idade Média. De entre os vestígios postos a descoberto e actualmente expostos nos jardins e pátios da Casa da Quinta de S. Mamede, destaque para uma ara votiva de onomástica indígena, vários fustes de colunas, mós de formato circular e uma laje ostentando uma decoração floral geometrizada, possivelmente do período da «Reconquista».

⁵ Mendes-Pinto (1997:Cf Nota 15) refere igualmente a detecção de um presumível forno romano no lugar do Irmeiro, do qual apenas restam alguns tijolos de tipologia enquadrável no Período Romano.

⁶ De salientar o carácter inédito do Casal da Bola (Nespereira), Casal do Irmeiro (Boim), Casal das Taloeiras (Lodares), e Casal de Vilela (Aveleda), detectados no decurso dos trabalhos de prospecção para a revisão da Carta Arqueológica do Concelho de Lousada.

⁷ Mendes-Pinto (1992), cuja leitura da epígrafe permanece como única até à data, apresenta-a nos seguintes termos: D.M.S. / FAVEV / SOVIIN. Segundo o mesmo autor, o desdobramento da inscrição corresponderia a D(is) M(anibus) S(acrum)/FAVEV/SOVIIN. Cronologicamente, Mendes-Pinto enquadra-a nos séculos III-IV.

⁸ Veja-se o caso do pólo habitacional romano detectado na base do monte de S. Domingos (*Casa romana de Cristelos*), alvo de intervenção arqueológica por parte deste Gabinete, e cujo espólio remete a ocupação do sítio para um período que medeia entre os séculos I e III d.C. (Mendes-Pinto, 1999; Nunes, Sousa e Gonçalves, 2007:1-4).

⁹ Recorde-se as três aras votivas aparecidas na área da freguesia de Santa Eulália de Barrosas (ara da Quinta de Sá, ara de Rielho e ara de Santa Eulália), a estela, possivelmente funerária, detectada no lugar do Padrão, na freguesia de Santo Estêvão de Barrosas, e ainda a estela funerária com epígrafe de Eira Vedra, freguesia de Sousela (Mendes-Pinto, 1992).

¹⁰ Vestígios de tumulações romanas foram detectados por Francisco Sarmiento ao longo do vale do Mezio, concretamente no lugar da Senra (Sarmiento, 1900:13) e no lugar de Rielho (Sarmiento, 1884:171), ambas na freguesia de Santa Eulália de Barrosas.

Freguesia	Topónimo	Bacia
Alvarenga	<i>Carreira da Areia, Passadiço</i>	Vale do Sousa
Caíde de Rei	<i>Laje</i>	Vale do Sousa
Cernadelo	<i>Carreira</i>	Vale do Sousa
Lustosa	<i>Lajes</i>	Vale do Mezio
Lodares	<i>Pousada</i>	Vale do Sousa
Macieira	<i>Estrada</i>	Vale do Sousa
Meinedo	<i>Lajes, Carreira Branca, Portelada, Pontecarro, Porto carreiro</i>	Vale do Sousa
Nespereira	<i>Corredoura, Passadiço, Portela</i>	Vale do Mezio / Sousa
Nevogilde	<i>Carreiro</i>	Vale do Mezio
Nogueira	<i>Calçada</i>	Vale do Sousa
Pias	<i>Pontarrinhas</i>	Vale do Sousa
S. Miguel	<i>Três Caminhos</i>	Vale do Sousa

Tabela 1. Toponímia viária no vale do Sousa e do Mezio.

um caminho velho de ligação entre Vilar do Torno e Alentém e Caíde de Rei. De invulgar morfologia, trata-se de uma singular infra-estrutura, composta por «três cavidades, duas das quais comunicam com uma terceira que lhes fica em plano inferior e que se destinaria a receber o líquido espremido nas outras duas» (Mendes-Pinto, 1992). Embora não sejam conhecidos quaisquer vestígios materiais associados a esta estrutura, Lino Dias (1997:302) localiza aqui um provável complexo rural do tipo *villa*, o que justificaria a presença desta estrutura vinária, associando-a a uma

pequena propriedade agrícola, cuja vocação seria, provavelmente, a vitivinicultura (Sousa, Nunes e Gonçalves, 2006). Mendes-Pinto (1995:278), corroborando esta tese, enquadra o lagar no período romano, considerando que se trataria de uma infra-estrutura «do tipo de pequenos lagares de vinho ou de azeite». Apesar da cronologia romana assumida por estes autores, não será de descurar, dada a ausência de provas materiais irrefutáveis, uma cronologia mais tardia para esta estrutura vinária, possivelmente alto-medieval¹¹.

Bibliografia

Alarcão, J. (1988) - *O Domínio Romano em Portugal*. Lisboa: Publicações Europa-América.

Almeida, C.A.F. (1968) - *Vias Medievais de Entre-Douro-e-Minho*. Dissertação para a Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. Ed. Policopiada.

Almeida, C.A.B. (2005) - Alterações no povoamento indígena no início da romanização. Ponto da situação no conventus bracaraugustanus. *Boletim Avriense*. Museu Provincial de Orense, p.77-93.

Almeida, C.A.B. (2007) - Sinais de Romanização junto à igreja românica de meinedo. *OPPIDUM*. (2). Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p.75-94.

Dias, L.T. (1997) - *Tongobriga*. Lisboa: IPPAR.

Mendes-Pinto, J.M.S. (1992) - *Património Arqueológico de Lousada*. Plano Director Municipal de Lousada. Lousada: Câmara Municipal. (Policopiado).

Mendes-Pinto, J.M.S. (1995) - O Povoamento da bacia superior do Rio Sousa: da Proto-História à Romanização. Trabalhos de Antropologia e Etnologia. *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Vol. V. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, p.265-283.

Mendes-Pinto, J.M.S. (1997) - O Castro de S. Domingos (Cristelos - Lousada) e o povoamento do vale do rio Mezio. *Castrexos e Romanos no Noroeste, Actas do Colóquio de homenaxe a Carlos Alberto Ferreira de Almeida*. Santiago de Compostela. (Policopiado).

Mendes-Pinto, J.M.S. (2000) - *Sondagens Arqueológicas no traçado do restabelecimento de passagem da via férrea em Meinedo*. Relatório Final. (Policopiado).

Nunes, M.; Sousa, L.; e Gonçalves, C. (2007) - *O Castro de S. Domingos (Cristelos - Lousada): algumas notas sobre a sua ocupação durante a Idade do Ferro e época Romana*. Suplemento de Arqueologia da Revista Municipal de Lousada. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 8. 3ª Série. Nº 45. Lousada: Câmara Municipal de Lousada. p.1-4.

Oliveira, A.S. (1969) - A igreja românica de Santa Maria de Meinedo e a sua raiz na Alta Idade Média. Porto: Associação Cultural Amigos do Porto. Vol. IV. Tomo II e III, p.35-51.

Santos, G.M.M. (1970) - *Meinedo: sua História e sua Igreja Românica*. Jornal de Lousada. Edição nº 3715 de 08.02.1970.

Gomes, P. e Arruela, M.J. (1996) - *Lousada, Terra Prendada*. Paços de Ferreira: Anégia Editores.

Sarmento, F.M. (1884) - Materiais para a Arqueologia do Concelho de Guimarães. *Revista Guimarães*. I, p.161-189.

Sarmento, F.M. (1900) - Materiais para a Arqueologia do Concelho de Guimarães. *Revista Guimarães*. XVIII, p.8-29.

Vieira, J.A (1887) - *O Minho Pittoresco: Louzada*. II. Lisboa, p.353-376.

Sousa, L.; Nunes, M.; Gonçalves, C. (2006) - O vinho na antiguidade clássica: Alguns apontamentos sobre Lousada. *OPPIDUM*. (1) Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p. 69-85

¹¹ O lagar aparece dissociado de qualquer núcleo habitacional por nós percebido, razão pela qual presu-
mimos a sua proximidade face ao espaço da vinha, como acontecia com frequência na Alta Idade Média.